

Ipsis Verbis – "Grupo de Trabalho - Acompanhamento da Aplicação do Acordo Ortográfico" (GTAAAO), no âmbito da VIII Comissão, de Educação, Ciência e Cultura – XII Legislatura

Transcrição, selecção e compilação de
Madalena Homem Cardoso

Transcrição da Gravação do final da 6ª Audiência do GTAAAO (11-04-2013)

Deputado Carlos Enes (Coordenador do GTAAAO): «Não receberam lá na Faculdade, no Departamento de Letras, nenhum pedido para se pronunciarem sobre o assunto? (...) Foi enviado para todos! (...) Logo no início, quando começou o Grupo de Trabalho, nós enviámos a todos os Departamentos... (...) [vozes sobrepostas (Profª Teresa Cadete, Profª Mª Filomena Molder, Profª Ana Isabel Buescu e Prof. José Pedro Serra)]: "A quem foram dirigidos esses pedidos? Ao Presidente do Conselho Científico, ao Director, ao Reitor? Eu vou protestar... É inaceitável..."» (*sic*)

Teresa Fernandes (secretária da VIII C.E.C.C. e do GTAAAO): «A única resposta que recebemos foi da Universidade de Coimbra, que é o contributo subscrito pelo Professor Carlos Reis. Da Universidade de Coimbra, em representação da Universidade. Foi a única Universidade que respondeu.» (*sic*)

Transcrição da Gravação da 7ª Audição – unipessoal – do GTAAAO (02-05-2013)

Prof. Malaca Casteleiro (principal autor do Acordo Ortográfico): «Infelizmente, eu não estou agora ligado ao Vocabulário Ortográfico da Academia [das Ciências de Lisboa], mas ele saiu apenas com 70 mil [lemas], não é? Eu promovi... não promovi, eu correspondi a um desafio que me fizeram, da Porto Editora, coordenando cientificamente o Vocabulário da Porto Editora, que tem 180 mil [lemas]. E porquê? Porque eu propus, na Academia, o projecto: elaborar um largo vocabulário ortográfico, e eu conseguia arranjar financiamento para isso... A Academia não aceitou, portanto, não quis... e, portanto, quem não exerce o poder, cria o vazio. Cria o vácuo, não é? E, portanto, eu aceitei o desafio que me foi feito pela Porto Editora. Depois, surgiu o ILTEC e o Vocabulário do ILTEC, que beneficiou largamente deste trabalho da Porto Editora e de todo o "corpus" lexical da Porto Editora, que lhe foi facultado graciosamente (e que nem sempre isso foi reconhecido), e promove portanto um vocabulário "em linha" de duzentos e tal mil [lemas]. Ora, os autores de manuais, perdão, os editores de manuais e... de livros... reconhecem que é muito bom que haja o vocabulário ortográfico disponível "em linha", mas era importante também que houvesse uma versão impressa em papel, não é? E, sobretudo, queixam-se de que essa versão "em linha", por existir nessa situação, é muito mais fácil de alterar constantemente, e é alterada a torto e a direito...!» (*sic*)

Prof. Malaca Casteleiro: «O acordo é imperfeito, tem algumas imperfeições. Por exemplo, (...) cor-de-rosa, por causa da tradição, da fixação da tradição,

escreve-se com hífen, mas "cor de laranja", sem hífen... (...) Ora, eu, por exemplo, no vocabulário da Porto Editora, tomámos a decisão de retirar o hífen [os hífenes] a "cor-de-rosa". Portanto, estas alterações podem perfeitamente ser efectuadas num vocabulário ortográfico.» (sic)

Prof. Malaca Casteleiro: «Eu, por exemplo, tenho feito intervenções sobre o Acordo Ortográfico... olhe, nos Estados Unidos, no Canadá, no Brasil, na China... E, agora, na próxima semana, vou à Itália fazer duas intervenções – na Universidade de Bolonha e na Universidade de Milão – sobre o Acordo Ortográfico, e aceitação é muito boa, tem sido muito boa, no plano internacional.» (sic)

Transcrição da Gravação da 2ª Audição – unipessoal – do GTAAO (14-03-2013)

Engº Vasco Teixeira (Administrador do Grupo Porto Editora): «Como eu lido com a parte da edição escolar também, achámos mais adequado que eu cá viesse hoje.» (sic)

Engº Vasco Teixeira: «Portugal cometeu o erro estratégico tremendo de avançar com a implementação do Acordo sem garantir que Angola e Moçambique avançavam ao mesmo tempo. Isso faz com que, neste momento, os editores portugueses tenham de escrever os livros que estão a fazer para Angola e para Moçambique – e há vários editores, nós, a Texto Editora e outros, a trabalharem em livros para Angola e para Moçambique, livros escolares mas não só – os tenham de fazer em duas versões. Por isso, nós, portugueses, tínhamos a mesma grafia de Angola e Moçambique, e afastámo-nos de África, porque mergulhámos de cabeça num Acordo – que não está em causa, digamos, pelo menos neste pormenor, a sua qualidade e o seu interesse –, mergulhámos de cabeça num Acordo sem acautelarmos que Angola e Moçambique avançavam ao mesmo tempo. (...) Angola e Moçambique, pela sua dimensão e pela sua importância para a nossa Economia e para as nossas relações culturais, é estratégico e é vital.» (sic)

Engº Vasco Teixeira: «O Ministério da Educação teve o bom senso de articular com os editores um plano relativamente alargado e faseado, que permitiu que não se destruíssem *stocks* e, quando digo *stocks*, são *stocks* das editoras, *stocks* das livrarias, *stocks* que estão em casa dos pais que os reaproveitam... e, por isso, houve um plano, que ainda está em curso, acaba no final deste ano lectivo, creio eu, e fez com que os exames, pela primeira vez só com uma grafia, com a nova grafia, só comecem no ano lectivo de 2013/2014, que é o 6º ano [de escolaridade].» (sic)

Engº Vasco Teixeira: «Este Acordo tem, ainda, algumas questões técnicas de origem, e tem outras de funcionalidade actual... Neste momento, há um problema complicado, que é a fixação das normas. O ILTEC foi nomeado (...) a entidade oficial que determina as normas. E o ILTEC tem, no *site*, digamos, um conversor e um vocabulário, [com] que aliás, na sua construção, a Porto Editora colaborou – fornecemos-lhes o nosso vocabulário e o nosso conversor, para eles poderem trabalhar em cima desse material – e tem vindo a corrigir várias questões técnicas onde elas se colocam. Mas não avisa ninguém, nem isso está fixado. Por isso, não está registado o que é que era, o que é que deve ser, o que é que se alterou, o dia em que se alterou e quem é que aprovou aquela alteração. O que significa que a gente corrige os livros escolares e, a

determinada altura, dois ou três meses depois, detecta que há determinado vocábulo que o ILTEC já trata de maneira diferente, porque as questões técnicas do Acordo não estão totalmente estabilizadas. ...Ainda, pronto... A Academia Brasileira de Letras publicou um vocabulário, a Academia das Ciências de Lisboa publicou outro vocabulário (...). Era muito importante que a ortografia fosse definida de uma vez por todas (...), com regras claras e inequívocas, porque senão andamos aqui com algumas variações – não são extremamente graves, por isso o vulgar cidadão não se apercebe disso... os editores, os técnicos, apercebem-se... – e, num ou noutro caso, criará problema, numa ou noutra palavra, a um aluno, ou a um professor, ou a um conjunto de alunos, ou a um conjunto de professores, ou num exame até. Por isso, poderemos ter amanhã um problema de, num determinado exame, uma determinada palavra que estava grafada nos manuais de uma determinada maneira porque, em determinada altura, o ILTEC a grafava de determinada maneira, alterou-a, não disse nada a ninguém e depois, mais tarde, no exame, a palavra pode ser considerada errada (...).» *(sic)*

Engº Vasco Teixeira: «A sociedade evolui a uma velocidade estonteante. Quem trabalha (...) com computadores, hoje, sabe a maçada que é pôr o acento grave. Tem de se ir ao "shift", tem de se ir ao outro botão, etc. Eu, apesar de considerar que sou uma pessoa cuidadosa e culta, volta e não volta, escrevo "e-mails" sem acentos, e provavelmente todos nós, ou a maioria de nós... E, por isso, a simplificação da nossa grafia, um bocado pressionada pelas novas tecnologias, em termos de princípio, não me choca nada.» *(sic)*

Deputada Rosa Arezes: «Eu recordo, e corrigir-me-á se estiver errada, que, em 2010, o Vice-Presidente da Associação portuguesa de Editores e Livreiros [ou seja, o próprio Engº Vasco Teixeira!] afirmou concordar com o Acordo Ortográfico, com a sua aplicação, com a sua aplicação nas escolas...» *(sic)*

Deputada Gabriela Canavilhas: «Parece-me que é conhecido da sua parte que eu fiz parte do Governo que foi responsável pela Resolução do Conselho de Ministros que deu instruções para se implementar [o Acordo Ortográfico], durante o período transitório, nos organismos públicos. (...) Estamos a falar de posições diferentes da APEL [Associação Portuguesa de Editores e Livreiros]: a minha colega referiu uma posição da APEL [Vasco Teixeira] de 2010 e o senhor está a referir a de 2008. Está esclarecido, muito obrigada.» *(sic)*

Engº Vasco Teixeira: «O Gil Vicente de certeza que não escreveu o "Auto da Índia" da forma que os alunos o lêem agora, com aquela grafia com que os alunos o lêem agora, e com que nós o lemos no nosso tempo, quando passámos pela escola, de certeza, não é? Por isso... Eu não sei exactamente que grafia é que ele usou quando escreveu, mas... de certeza absoluta!» *(sic)*